
XI SEUR – V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano

(RE) CONHECENDO PELOTAS: TRANSFORMAÇÕES URBANAS E A NOSTALGIA DE JOVENS

Karla Nazareth-Tissot, UFPel, karla.nazareth@ufpel.edu.br

RESUMO

Este artigo apresentará os resultados parciais da pesquisa de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPel), que procura compreender, através da utilização da metodologia de história oral, a relação entre a paisagem urbana de Pelotas nos anos 80, a memória das pessoas que viveram a infância durante esse período e como elas respondem emocionalmente a percepção da cidade nos dias de hoje. Introdutoriamente são traçadas as motivações e inquietações que levaram a escolha do tema e do problema, a definição do grupo de interesse e uma breve revisão teórica sobre o conceito de nostalgia, sentimento observado nas primeiras conversas com alguns representantes da geração definida.

Palavras-chave: Infância. Memória. Percepção. Cidade. Pelotas. Nostalgia.

ABSTRACT

This paper presents the partial results of a research currently in development for the Master's Degree Dissertation of the Post-Graduate Program in Social Memory and Cultural Heritage (PPGMP-UFPel), which attempts to comprehend, through an oral history methodology, the relation among Pelotas' 1980's urban landscape, the memory of those who lived their childhood years in that time period and how they emotionally respond to their perception of the city nowadays. As an introduction, the motivations and inquietudes that led to this theme choice and problem will be traced, as will be the definition of the interest group and a brief theoretical revision on the concept of nostalgia, a feeling that was observed in the first talks with some exponents of the defined generation.

Keywords: Childhood. Memory. Perception. City. Pelotas. Nostalgia.

1. AS CIDADES: NOTAS INTRODUTÓRIAS

*Took a drive into the sprawl, to find the places we used to play.
It was the loneliest day of my life.
You're talking at me but I'm still far away.
(Arcade Fire, Sprawl I - Flatland)¹*

Duas cidades me foram apresentadas quando pisei em Pelotas pela primeira vez em 2009: a cidade que estava diante dos meus olhos, e a cidade que só era possível conhecer através das histórias contadas pelo meu marido. Ele, na época com 28 anos, pegou-me pela mão e seguiu comigo pelas ruas que costumava percorrer na infância e juventude, apontando-me prédios abandonados, espaços vazios que antes haviam sido cenários de algumas de suas mais vivas lembranças, cinemas que agora davam lugar a frios estacionamentos, fachadas decadentes, endereços que não mais levavam aos antigos fins... Ausências significativas no seu mapa afetivo da cidade.

Alguns anos se passaram desde então e, de turista, tornei-me moradora de Pelotas. Sem comparar-me a quem viveu grande parte da vida na cidade, mas durante esses anos de idas e vindas até me mudar definitivamente, surgiram em mim alguns estranhamentos: muito do que conheci em 2009 já não estava, muito do que me foi apresentado já era outro, eram lugares que eu não conseguiria encontrar novamente e que, sinceramente, sem que alguém também se lembrasse deles e também os estivesse procurando, não saberia afirmar se eles realmente existiram ou se eu os havia imaginado². Lembrei-me então do olhar do meu marido vasculhando na topografia de sua memória os espaços e as histórias vividas durante a infância e início da adolescência em sua cidade natal. Algumas décadas depois, ele também estaria, como eu, (re) conhecendo Pelotas?

¹ A música trata do lugar onde o personagem viveu a sua infância, do sentimento de não pertencimento aquele espaço depois de todas as mudanças pelas quais passou o lugar e também o personagem.

² “Se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas.” (HALBWACHS, 2003, p. 29)

2. NOSTALGIA DE JOVENS?

*We used to wait.
We used to waste hours just walking around (...)
Now our lives are changing fast.
Hope that something pure can last.
(Arcade Fire, We used to wait)³*

A um amigo que, assim como meu marido, também nascera em Pelotas na década de 80, perguntei sobre as suas lembranças de infância na cidade, sobre os lugares que lhes serviram de cenário⁴. Após longo silêncio, foi incisivo: “a cidade que eu conhecia não existe mais (...) e é como ser estrangeiro na tua própria história, saber que aquilo tudo só existe na tua cabeça”⁵.

O tom da resposta me remeteu imediatamente ao álbum *The Suburbs* da banda canadense Arcade Fire, em que os seus integrantes, nascidos entre 1977 e 1982, cantavam sobre os lugares de suas infâncias e sobre um recorrente sentimento inquietante relacionado a um espaço e a um tempo impossíveis de serem recuperados. Lembranças de uma infância em lugares transitórios que os faziam se sentir numa espécie de vazio.

*All the cities changed so much since I was a little child. Pray to god I won't live to
see the death of everything that's wild (...) In this town where I was born, I now see
through a dead man's eyes.⁶*

Na primeira música do álbum, como meu marido que me pegou pela mão e me mostrou a sua cidade natal, um dos trechos dizia, “*I wanna hold her hand and show her some beauty before this damage is done*” (ARCADE FIRE, 2010). As mudanças parecem ser rápidas, percorrer caminhos e alimentar memórias soa como algo urgente, “antes que todo o estrago seja feito”, ou seja, antes que os espaços da cidade, significativos da infância dessas pessoas, não deixem nem mesmo os vestígios capazes de recriar imagens e sensações⁷. Como a Pelotas de um passado recente que só seria possível percorrer através do intermédio de algumas memórias.

³ Nesta canção, a banda fala de como o rápido avanço tecnológico levou consigo a experiência do tempo. Hoje tudo está a alcance das mãos — ou de um clique — e se desaprendeu a esperar e aproveitar pequenos prazeres, como o de escrever e esperar uma carta, por exemplo.

⁴ “La memoria requiere de un lugar donde acontecer porque la memoria es un diálogo complejo e indeterminado entre espacio y tiempo.” (SZTULWARK, 2005).

⁵ OCHÔA, Fábio. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por mensagem instantânea do Facebook em 16 jul. 2014, às 23:45. Para ele, não encontrar alguns lugares do passado é entendido como uma recordação falsa que abala sua relação com a cidade e com seu próprio eu. Ver “A Memória Coletiva”, HALBWACHS, 2003, p. 157.

⁶ ARCADE FIRE, Half Light II (No Celebration). *The Suburbs* [CD]. Montreal/Nova York: Merge/Mercury, 2010. Essa música trata da recessão de 2008 que faz com o personagem volte atrás da segurança de sua cidade de infância, como outros jovens que voltaram a morar com os pais por não conseguirem emprego e moradia. Ao chegar na sua cidade natal, no entanto, nada é como deveria ser. A cidade mudou, não é mais a mesma, mas muito porque talvez esteja sendo vista por um ponto de vista diferente da criança que vivia nela no passado.

⁷ FERREIRA, Letícia, 2002.

O disco não é o meu objeto de estudo, mas as inquietações cantadas pelos músicos me remeteram às primeiras conversas com as pessoas próximas — ambos os grupos com a mesma faixa etária. Normalmente, os jovens são associados às lutas diárias do presente e não se espera deles experiência para lidar com as lembranças. Mas será mesmo que esses jovens adultos não estão dispostos a reconstruir as suas infâncias⁸? Será que devido às transformações percebidas na paisagem e nas relações, em uma era onde "tudo voa"⁹, onde vivemos uma "aceleração da história"¹⁰ em que o presente se torna passado mais rapidamente, o que poderia ser uma memória feita de hábitos hoje em dia também está mais para uma memória que revive o passado¹¹ mesmo para pessoas mais jovens¹²? O que ainda conseguem lembrar-se da Pelotas de suas infâncias? Como se construíram suas identidades diante das mudanças da cidade, cujas ruas são como calendários que contêm quem se era e quem se será¹³?

We see ourselves in this city every day when we walk down the sidewalk and catch our reflections in store windows, seek ourselves in this city each time we reminisce about what was there fifteen, ten, forty years ago, because all our old places are proof that we were here. (WHITEHEAD, 2003)

Para outra amiga, nascida em 1985, o início de sua adolescência em Pelotas coincidiu com uma fase de depressão e solidão. Um período em que bairros como o Centro, Porto, Laranjal e Simões Lopes foram cenários de doloridas lembranças que, apesar do teor, hoje morando em Porto Alegre, tais recordações lhe provocam uma espécie de nostalgia, "uma nostalgia violenta e dor por não estar lá (em Pelotas), respirando a umidade e desaparecendo no branco e no esquecimento junto com o resto"¹⁴. Diferente de uma saudade dos bons tempos, essa nostalgia reflexiva¹⁵ e crítica funciona como um

⁸ BOSI, Ecléa, 1979, p. 83.

⁹ SANTOS, Milton. 2006, p. 222.

¹⁰ NORA, Pierre.

¹¹ BOSI, Ecléa, 1979, p. 81.

¹² Sobre o grupo que pretendo abordar, o recorte será determinado baseando-me na percepção de um conjunto de indivíduos de idades similares que, como descreve MANNHEIM (1952), viveu a infância e início da adolescência significativamente influenciado por grandes acontecimentos históricos, transformações sócio-político-econômicas, além de inovações tecnológicas que tiveram grande impacto no mundo e em seu imaginário. O resultado parcial de uma pesquisa quantitativa lançada em diversas redes sociais no período de 8 a 20 de setembro de 2015, e que obteve um pouco mais de 500 respostas de pessoas de todo o Brasil nascidas entre 1974 e 1990, aponta a infância vivida nos anos 80/início dos anos 90 como uma infância que experimentou a transição de um período "mais lento", "analógico" para um período "mais veloz", "digital". Desde o início, o interesse do projeto é focar em pessoas que, como muitos responderam, se consideram a "última infância analógica", ou seja, sem contato com computadores, internet, *wi-fi*, *smartphones* etc. pelo menos até a adolescência. Falta, no entanto, definir com mais clareza um recorte etário que englobe uma pertinente amostra desse universo.

¹³ WHITEHEAD, Colson, 2003, p. 9.

¹⁴ PORTO, Alice. [mensagem pessoal] Mensagem postada no mural do Facebook em 22 ago. 2014.

¹⁵ BOYM, Svetlana (2001) em seu livro "The Future of Nostalgia" classifica dois tipos de nostalgia: a restaurativa e a reflexiva. A restaurativa busca um retorno à "casa", às origens, ao passado tal qual ele é imaginado, desejado. Por outro lado, a nostalgia reflexiva se satisfaz apenas com o sentimento e procura, através dele, tecer uma reflexão crítica sobre esse mesmo passado, o presente e o futuro.

balanço da própria vida da interlocutora, de um passado dolorido, mas que lhe serve de âncora de identidade durante os momentos no presente em que o futuro lhe parece incerto¹⁶.

Sinto nostalgia o tempo inteiro. Eu vou a Pelotas em busca dessa nostalgia, em busca de lembrar quem eu sou, por onde andei. Às vezes me esqueço, me distraio. Mas não é vontade de voltar àquela época, mais vontade de me entender mesmo, reencontrar a sensibilidade, aquilo que me move, e deixar reverberar¹⁷.

Durante as caminhadas, então, ela tenta percorrer os mesmos espaços da adolescência procurando, por entre as ruas, as permanências daquela época, mesmo que em ruínas. Aliás, as ruínas, antes de serem consideradas um problema para ela, são a marca de uma estagnação positiva, de uma desaceleração do tempo em determinados pontos da cidade que lhe possibilita "um equilíbrio nostálgico¹⁸" e um equilíbrio com a sua própria natureza, de reencontrar a si mesma e de se sentir parte da cidade.

A nostalgia é citada na fala da interlocutora, mas também pode ser considerada em algumas músicas do álbum mencionado e no tom da conversa com os outros entrevistados. Seria essa a emoção recorrente ao se tratar das lembranças da cidade durante o período de infância dessas pessoas? Se sim, o que seria então a nostalgia?

3. REVISANDO O CONCEITO DE NOSTALGIA

*Wishing you were anywhere but here.
You watch the life you're living disappear.
(Arcade Fire, Wasted hours)*¹⁹

Em 1688, Johannes Hofer cunhou em sua dissertação médica o neologismo nostalgia (do grego *nostos*, regresso ao lar e *algos*, dor ou sofrimento). Assim, ele dava contornos de doença ao *Heimweh* (em alemão, dor sentida por não se estar na terra natal), que era observada entre os mercenários suíços que estavam na França. Mas, embora o termo nostalgia na literatura médica soasse como novidade, existiam evidências de que, no início do século XVII, a condição já havia sido

¹⁶ No livro "Memória e Identidade" (2011), CANDAU, Jöel trata de um exemplo de nostalgia que "não funciona de acordo com esquemas clássicos" (pg. 89), pois o sentimento pode surgir para rebater inseguranças do presente buscando sentido em um passado não necessariamente bom, porém mais confortável do que um futuro incerto.

¹⁷ PORTO, Alice. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por mensagem instantânea do Facebook em 12 mai. 2015, às 19:28.

¹⁸ SIMMEL, Georg (1911), no ensaio "The Ruin", fala da capacidade da ruína restabelecer a harmonia entre a consciência das pessoas e a natureza.

¹⁹ A monotonia e dificuldades da vida adulta provocam nostalgia no personagem da música que passa a desejar a liberdade sem grandes responsabilidades da infância. No entanto, ele está consciente de que essa infância cor-de-rosa só existe em sua imaginação, uma vez que, durante esse período, a rotina casa-escola lhe parecia tão monótona quanto a vida de adulto. O sentimento nostálgico foca, então, apenas nas férias de verão.

observada e diagnosticada como *el mal de corazón* entre os soldados espanhóis do exército de Flandes. De qualquer forma, foi só a partir o trabalho de Hofer que as características psicológicas e fisiológicas da nostalgia como doença ganharam notoriedade (ROSEN, 1975).

Entre os sintomas descritos, estavam “o desânimo, a melancolia, crises profundas de choro, anorexia, ‘definhamento’ generalizado e, não raramente, tentativas de suicídio” (DAVIS, 1977:414). Sendo uma doença associada particularmente aos suíços, logo a nostalgia foi percebida como uma fraqueza desonrosa para a juventude daquele país, levando Jean-Jacques Scheuchzer, em 1705-06, a propor uma “explicação mecânica” para a doença (STAROBINSKI; KEMP, 1966:88), atribuindo à pressão atmosférica a razão pela qual os jovens soldados eram abatidos pela moléstia.

Since the Swiss live in the mountains, he asserted, they inhale a refined air which is also carried into the body by food and drink. When they descend to the lowlands, the delicate fibres of the skin are compressed, the blood is forced into the heart and brain, its circulation is slowed, and if the individual's body cannot resist the deleterious effects, anxiety and homesickness supervene (ROSEN, 1975:343).

Mas não demorou para que a enfermidade também fosse percebida em soldados de outros países e demais classes de pessoas e, até o final do século XVIII, era clinicamente atestada como uma doença fatal, e reconhecida pelos médicos em toda a Europa como passível de ocorrer não somente entre soldados suíços, mas também entre diversos grupos étnicos e sociais (ROSEN, 1975:346). Enquanto doença fatal, no entanto, a nostalgia era tratável e os remédios prescritos poderiam variar entre ópio, aplicação de sanguessugas, sessões de hipnose, que não funcionavam tão efetivamente quanto enviar o doente de volta para casa — ou enterrá-lo vivo, ameaça feita por um general russo em 1733, que com o objetivo de não perder soldados para a doença, obteve bastante sucesso após a medida drástica. Ficou evidente que, em um período de popularização da doença, ela passou a ser utilizada como desculpa legal para escapar da vida militar e estava cada vez mais complicado distinguir um verdadeiro nostálgico de um golpista (STAROBINSKI; KEMP, 1966).

Entre o final do século XIX e início do século XX, com os progressos feitos nas áreas de patologia e bacteriologia, e em melhorias no tratamento de soldados e marinheiros — ainda os mais atingidos pelo mal —, progressivamente os casos de nostalgia foram desaparecendo dos hospitais, saindo das “repercussões orgânicas” e passando a fazer parte da literatura psiquiátrica onde passou de doença para uma reação associada, muitas vezes, não ao desejo de retorno a uma casa, mas a problemas de adaptação a uma nova realidade. Essa evolução teórica se desenvolveu paralelamente ao processo de urbanização na Europa, que deu lugar a grandes cidades e melhorias nos meios de transportes, que impulsionaram e facilitaram o deslocamento maior de pessoas (STAROBINSKI; KEMP, 1966).

Por volta de 1945, o uso técnico da palavra nostalgia na psiquiatria se mostrava cada vez mais raro. Novos termos passaram a ser utilizados para descrever os sintomas que antes eram do cunho nostálgico e a nostalgia em si passou a receber aplicações metafóricas deixando de ser relacionada menos ao anseio pelo lugar da infância e mais ao passado onde os “prazeres simples da vida” poderiam ser vividos, conforme analisou Kant ao perceber que a nostalgia dos soldados suíços não desaparecia mesmo quando esses retornavam para a terra natal.

The homesickness of the Swiss [...] which befalls them when they are transferred to other lands, is the effect of a longing that is aroused by the recollection of a carefree life and neighborly company in their youth, a longing for the places where they enjoyed the very simple pleasures of life. Later, when they visit these places, they there find their anticipation deceived and thus even their homesickness cured. To be sure, they think that everything has been wholly transformed, but in fact it is that they cannot bring back their youth with them (KANT apud ILLBRUCK, 2012:131).

Para a vontade de retornar/ falta da terra natal, então, se focou na utilização de terminologias como *homesickness*, *maladie du pays*, *heimweh* e o cunho da nostalgia que antes era espacial, passou a ser temporal (SEDIKIDES et al., 2008).

3.1. O anseio pelo tempo

A nostalgia deu nome a uma doença que se caracterizava pelo sofrimento de se estar distante da terra natal. Nesses termos, ela poderia levar à morte e atingia principalmente soldados em missões no estrangeiro, marinheiros além-mar e demais cidadãos que, por razões diversas, precisavam se mudar para longe (BOYM, 2001) dos “cuidados maternos” (HOFER apud ROSEN, 1975:341). Porém, depois que deixou de ser considerada uma condição médica e passou a designar apenas um sentimento de perda pessoal e incompletude, comumente o termo nostalgia é utilizado como sinônimo de saudade e vice-versa, no idioma português.

Mas há uma sutil diferença percebida através do histórico pelo qual passou a palavra e que para o melhor entendimento do significado de nostalgia que será trabalhado no projeto, é importante que essa distinção fique bem esclarecida. A saudade, então, segundo indicado no dicionário Houaiss²⁰ se conforma como:

Sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável.

²⁰ Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 14 de ago. 2015. Vale comentar que esse dicionário ampliou a extensão de sentido de nostalgia para além da saudade da terra natal, se aproximando do conceito que será tratado no artigo.

Nostalgia como foi originalmente cunhada é, de certa forma, uma configuração de saudade. No entanto, a partir da interpretação de Kant, o objeto da nostalgia não é o anseio por pessoas, nem por objetos, nem por lugares, mas sim pelo passado que eles recordam (CANDAU, 2013), ou melhor, pelo tempo. A saudade de estar no lugar da infância desencadeia nostalgia do tempo em que se era jovem no lugar, o lugar da infância. O lugar pode permanecer o mesmo e, ao visitá-lo, é possível preencher o sentimento de falta de não vivenciá-lo com frequência. O passado que o lugar carrega, no entanto, está ali apenas para ser experimentado através da nostalgia e nada mais.

Mas apesar do sentimento possuir como objeto um passado irrecuperável, seus efeitos variam conforme os contextos do presente, da memória individual e coletiva em que ela é trabalhada e da percepção que se dá ao fluxo do tempo (CANDAU, 2013), o que faz com que a nostalgia, ao não poder ser reduzida a uma única definição, possa ser interpretada sob diferentes perspectivas, como uma nostalgia que busca um retorno ao passado, com representações que valorizam o passado imóvel, idealizado como uma “perfeita fotografia” (BOYM, 2001), em um esforço para eternizá-lo (CANDAU, 2013), focando em *revivals* nacionalistas e de tradições religiosas em que a ênfase está no retorno às origens, na reconstrução dos quadros sociais abalados (HALBWACHS, 1925), detentora de uma verdade contra as “conspirações” que atentam ao *nostos*, ao lar, à memória do local (ASSMAN, 2011) cristalizada, ao tempo que se deseja preservar.

The past for the restorative nostalgic is a value for the present; the past is not a duration but a perfect snapshot. Moreover, the past is not supposed to reveal any signs of decay; it has to be freshly painted in its “original image” and remain eternally young (BOYM, 2001:49).

E a nostalgia como a lembrança de um horizonte de espera (CANDAU, 2013) que, não concretizado no presente, faz do sentimento nostálgico acerca do tempo que não acontecerá, um dos combustíveis que convidam à reflexão sobre o presente e o futuro, uma busca pelo passado que auxilie na construção e na renovação de memórias e identidades (BOYM, 2001), “*This defamiliarization and sense of distance drives them to tell their story, to narrate the relationship between past, present and future*”. (BOYM, 2001:49)

Neste caso, porém, o sujeito reconhece que está “envolvido na criação e manutenção de uma relação entre passado e presente” (PICKERING; KEIGHTLEY, 2006) fazendo com que a nostalgia seja uma ferramenta crítica, um “trabalho de elaboração” (JELIN, 2001) com possíveis usos positivos e produtivos do tempo que passou, seja esse tempo um mês, um ano, uma década, uma geração, pois diz respeito ao tempo vivido e não ao tempo do relógio (DAVIS, 1977). E em meio à reflexão, a nostalgia pode se concretizar como uma experiência recompensadora, em que mesmo lembranças difíceis podem se converter em narrativas organizadas em tom de redenção, construídas conforme as

condições do presente (HALBWACHS, 2003), atribuindo a este novos significados e ao futuro, e não ao passado, a ideia de bons tempos (SEDIKIDES et al., 2008).

Many narratives contained descriptions of disappointments and losses, and some touched on such issues as separation and even the death of loved ones. Nevertheless, positive and negative elements were often juxtaposed to create redemption, a narrative pattern that progresses from a negative or undesirable state (e.g., suffering, pain, exclusion) to a positive or desirable state (e.g., acceptance, euphoria, triumph). (SEDIKIDES et al., 2008:305).

Essa nostalgia é, portanto, uma ferramenta à disposição do permanente trabalho de construção, manutenção e reconstrução de identidades, muito bem esclarecida através da narrativa contada por Fred Davis (1977) quando um de seus interlocutores lhe conceitou o que, para ele, lhe parecia a nostalgia:

[A nostalgia] é como um velho casaco de tweed. Aquilo permanece vivo. Fica por perto, e o casaco de tweed que vi na loja ontem é igual ao que lembro de quando era criança (Pausa). Mas eu não vou sair e comprar o casaco ou cortar meu cabelo curto de novo ou botar uma blusa de botão e meias xadrez (argyle socks) como usavam na década de cinquenta. Talvez eu compre o casaco de tweed, mas vou incorporá-lo à minha realidade atual (DAVIS, 1977:420-421, tradução minha)

3.2. Entendimentos finais sobre nostalgia

A nostalgia é uma agitação emocional que se relaciona com os trabalhos da memória e do esquecimento (STAROBINSKI; KEMP, 1966), e que, diferentemente da saudade, é o produto de um passado, percebido como distante, e de suas utopias. A nostalgia é a saudade do tempo que passou e a experiência muitas vezes agri-doce de tê-lo de volta através dos sentidos, um “desejo pelo re-encantamento” (PICKERING; KEIGHTLEY, 2006). Normalmente, o sentimento nostálgico é desencadeado a partir de estados disfóricos como tristeza e solidão, que podem surgir como consequência de descontinuidades históricas e autobiográficas. Não é uma simples rememoração do passado, não é algo “percebido”, mas “sentido” (HUTCHEON; VALDÉS, 1998-2000).

Durante uma experiência de rememoração analisada através de ressonância magnética, foi observada uma intensa atividade do Hipocampo que, ao intervir no reconhecimento do estímulo, comparando-o a memórias pré-existentes (IZQUIERDO, 1989), possui um papel relevante na evocação de eventos autobiográficos (OBA et al., 2015). Mas no caso de uma rememoração em que foi induzida a nostalgia através de estímulos implícitos como músicas e fotografias de infância, o Hipocampo do grupo observado ativou e trabalhou junto a outras áreas do cérebro, o Corpo Estriado Ventral, uma parte essencial no sistema de recompensas, e o Núcleo accumbens, ligado a atividades prazerosas. Foi percebido, então, que durante a nostalgia, a associação das lembranças autobiográficas

ocorre paralelamente a um forte senso de prazer e gratificação. Tais associações reforçadas, então, tendem a induzir experiências nostálgicas cada vez mais positivas na medida em que as memórias continuem sendo ativadas. Não à toa, a nostalgia é encarada como um “recurso importante para a gestão de ansiedades existenciais” (SEDIKIDES et al., 2006). Com o decorrer da vida, a nostalgia não somente dá significado ao que foi vivido, mas a sua experiência, muitas vezes percebida como agridoce, mas gratificante e prazerosa, ajuda a criar a impressão de que é quase possível trazer de volta o que de fato se deseja, o tempo que não existe mais.

4. PRIMEIROS E PRÓXIMOS PASSOS METODOLÓGICOS: CONCLUSÃO

*If I could have it back
All the time that we wasted
I'd only waste it again
If I could have it back
You know I would love to waste it again.
(Arcade Fire, The Suburbs, Continued)²¹*

A experiência inicial de diálogo entre amigos, a observação de suas postagens em redes sociais, espontâneas ou instigadas por minhas perguntas a respeito de suas recordações de infância, além de inicialmente me ajudarem a pensar o projeto, me ajudaram, nessa fase, a levantar algumas questões para a elaboração de uma pesquisa quantitativa (ver nota 12) que está me auxiliando a entender melhor o grupo que viveu a infância na década de 80, e de um questionário semi-estruturado para aplicar durante as entrevistas presenciais — uma vez que a metodologia a ser utilizada é a de história oral, essas entrevistas serão o próximo passo a ser tomado.

Importante comentar que, por conta da pesquisa quantitativa ser extensa e concorrer com uma enorme quantidade de conteúdo compartilhado nas redes sociais em que ela foi divulgada, pouco retorno foi esperado. No entanto, ao se depararem com perguntas instigando lembranças de infância, as pessoas não somente participavam, mas respondiam a todas as questões, e convidavam outros amigos a também participarem, comentando, diversas vezes, que estavam felizes em poder lembrar de todas aquelas nostálgicas recordações e, não raras vezes, agradecendo pela oportunidade de poderem escrever — e serem lidos — sobre tudo aquilo.

²¹ Se a infância pudesse voltar...

5. REFERÊNCIAS

- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. São Paulo: Editora da Unicamp, p.317-366, 2011.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOYM, S. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic, 2001. E-book.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014. 89 p.
- DAVIS, F. **Nostalgia, Identity and the Current Nostalgia Wave**. The Journal of Popular Culture; v.11, n.2, p.414-424, 1977.
- FERREIRA, M. L. M. **O espaço: percursos da memória**. Os três apitos: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA**. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 14 de ago. 2015.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- _____. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Félix Alcan, 1925. Collection Les Travaux de l'Année sociologique.
- HUTCHEON, L.; VALDÉS, M. J. Irony, Nostalgia, and the Postmodern: A Dialogue. **Poligrafías 3**: Ciudad Universitaria, México; p. 29-54. 1998-2000.
- ILLBRUCK, H. **Nostalgia: origins and ends of an unenlightened disease**. Illinois: Northwestern University Press, 2012.
- IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos históricos** [online]; v.3, n.6, p.89-112, 1989. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>.
- JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. Siglo Veintiuno editores; España, Cap. I, 2001.
- MANNHEIM, K. In, Paul Kecskemeti (ed.). **Karl Mannheim: Essays**; Routledge, p.276-322, 1952.
- NORA, P. **Entre Memória e História. A problemática dos Lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Proj. História, São Paulo, (10). dez. 1993.
- OBA, K.; NORIUCHI, M.; ATOMI, T.; MORIGUCHI, Y.; KIKUCHI Y. Memory and reward systems coproduce 'nostalgic' experiences in the brain. **Soc Cogn Affect Neurosci**. doi: 10.1093/scan/nsv073. 2015.
- PICKERING, M.; KEIGHTLEY, E. The Modalities of Nostalgia. **Current Sociology**; v. 54, n.6, p.919-941, 2006.
- ROSEN, G. Nostalgia: a 'forgotten' psychological disorder. **Psychological Medicine**; n.5, p.340-354, 1975.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 384 p.

SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; ARNDT, J.; ROUTLEDGE, C. Affect and the self. In, Forgas, Joseph P. (ed.) **Affect in Social Thinking and Behavior: Frontiers in Social Psychology**; New York, USA: Psychology Press, p.197-215, 2006.

SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; ARNDT, J.; ROUTLEDGE, C. Nostalgia: Past, Present, and Future. **Current Directions in Psychological Science**; v.17, n.5, p.304-307, 2008.

SIMMEL, G. Two Essays. **The Hudson Review**; v. 11, n. 3, p. 371-385, 1958.

STAROBINSKI, J.; KEMP, W. S. The Idea of Nostalgia. **Diogenes**; n.14, p.81-103, 1966.

SZTULWARK, P. **Ciudad memoria, monumento, lugar y situación urbana**. Revista Otra Mirada, Buenos Aires, número 4, 2005.

WHITEHEAD, C. **The Colossus of New York: A City in Thirteen Parts**. New York: Random House, 2003.